**OS (DES)CAPACITADOS NA IGREJA**

Ouvindo esta palavra “descapacitados”, somos imediatamente a pensar naquelas pessoas, que por qualquer motivo, são ao nível motor, psíquico, intelectual e mental, incapacitados de exercer atividades que só um “capacitado” poderá. No referente ao serviço da Igreja, ou ao serviço litúrgico da igreja, entendemos que não serão capazes de se exprimirem ou prestarem serviço de culto. Serão, assim, rapazes e raparigas, ou homens e mulheres, para quem se deve estabelecer certas balizas e deixá-los nos cantinhos dos bancos, porque “coitadinhos” nasceram ou ficaram assim. Queremos esquecer que nós, os ditos “capacitados”, somos de alguma forma, também, “descapacitados”, por isolamento, por descarte ou não possuímos todas as qualidades e capacidades para o exercício pleno da cidadania ou do serviço litúrgico. Necessariamente todos e todas nós, somos mesmo “descapacitados”, querendo, até, aparecer como “descapacitados”, para não tomarmos parte no trabalho ativo. Convém ficar onde ninguém nos veja, para não trabalharmos a favor de alguma coisa. Por isso, prefiro chamar aos ditos” descapacitados”, os (des) capacitados, dado serem capazes sempre para o exercício de tantas atividades. Assim, ficaremos todos, no mesmo patamar, que é “inclusivo” e não “integrativo”. Existe grande diferença entre “inclusão” e “integração”, eu sou pela “inclusão”.

Ao ler a última revista “Concilium”, de novembro de 2020, n.º 388, todo o número fala em “Capacidades diferentes: Por una Iglesia a la que todos Pertenecen”, e conta uma história, que será muito bom termos em atenção, principalmente os defensores do “clericalismo”. Num dos artigos, escrito por Cooreman-Guittin, Talitha, “Encontrar algo que pueda hacer Benedicta”, é contada uma história, desta agora senhora, com 60 anos de idade, e que vale a pena referir. Também é numa penada que se conta. Benedicta tem uma (des)capacidade intelectual e passou os seus anos a servir os outros: lavar a sua roupa, limpar as suas casas, fazer e servir a comida aos seus senhores, “gosta de ser útil”, como disse. Benedicta desde há muitos anos tinha o costume de ajudar o sacerdote de uma paróquia de Estrasburgo, onde vive, a preparar a mesa eucarística. Quando chegava a hora eucarística Benedicta saltava do seu banco e levava ao altar o pão e o vinho e o sacerdote agradecia esta espontaneidade. Acontece uma mudança de pároco, e Benedicta lá saltava do banco para servir o pão e o vinho, um sinal de capacidade que Deus lhe deu. Mas o novo sacerdote não quis, não tinha túnica branca e não era “direitinha” no trabalho que fazia. E Benedicta deixou de levar o pão e o vinho ao altar, porque o “clericalismo” estava presente naquele sacerdote. Quem mostrou descapacidade intelectual foi ele e não Benedicta.

Mas Benedicta, que não sabia ler, não desistiu. Uma solução seria colocar a Benedicta no ambão fazendo uma leitura bíblica. Ninguém tinha o direito de impedir Benedicta de servir o Senhor da sua Vida e muito menos o pároco. Então baseados no Direito Canónico que admite a possibilidade de leituras bíblicas a todos, e que o pároco não pode contrariar, um grupo de cristãos ensinou uma leitura para Benedicta proclamar do ambão. Benedicta decorava facilmente tudo o que lhe diziam, e decorou a leitura. Para estupefação do pároco e grande alegria da comunidade – que não se revia no pároco -, não leu, mas proclamou a leitura de cor, de olhos nos olhos de quem a estava a ouvir, de uma forma, que comoveu os ouvintes e, na prática, vincou que a sua (des)capacidade intelectual, era afinal uma espetacular capacidade de reter na sua memória as leituras.

Quantas Benedictas existirão que não querem “espetáculo”, mas serem úteis no serviço ao Senhor, que lhes deu a Vida. E quanto clericalismo cai, ao verificar que todos são úteis, na Evangelização da Humanidade. Que o diga o “Movimento Fé e Luz”, que trabalha não com os “coitadinhos” e “desafortunados”, mas os Filhos e Filhas de Deus, que servem o seu Senhor, só para “ser útil”.

Deus deu a todos e todas capacidades, as suas capacidades, que são diferentes uns dos outros, mas capazes de encontrar a felicidade que aí está. Não existem incapacitados, nem indigentes, somos um povo de Deus, com diversas valências, diversos ministérios, e os de Benedicta não era só lavar e passar a roupa a ferro aos senhores da terra, mas ser um exemplo concreto de quem quer louvar a Vida e glorificar o Senhor, no homem e na mulher que Ele criou. Indigente e incapacitado é quem não compreender isso, ou quem optar por uma integração – sempre forçada -, e não a inclusividade que é sempre livre e libertadora.

Joaquim Armindo

Pós- Doutorando em Teologia

Doutor em Ecologia e Saúde Ambiental

Diácono – Porto - Portugal